

## PROVA ESCRITA SOBRE TEXTO \*

Tânia Maria Batista Lima e Sousa

1. O que lhe sugere o autor ao levantar estas questões?

Com o presente texto acredito o que o autor quis mostrar uma fotografia da educação inserida no contexto de uma sociedade desigual onde apenas "minorias reduzidas chegam ao seu limite superior" e assim o faz levantando questionamento extremamente pertinentes no que diz respeito à relação educação-sociedade.

Inicialmente, o autor sugere que a "educação é determinada fora do poder de controle comunitário dos educandos e educadores em que o sistema escolar é controlado pelo sistema político dominante". Ou seja, o que ele quis dizer foi que, estando a educação inserida dentro de um dado modelo de sociedade, uma dada estrutura social, esta (educação) acaba por ser determinada por esta estrutura o que leva a instituição escolar a se amoldar no fortalecimento das relações geradas por tal modelo. Entretanto, o autor não nos fala de um modelo ahistórico de sociedade. Ele explicita claramente a que tipo de sociedade ele se refere, quando cita a existência das desigualdades sociais e o esforço dado pela educação à ascensão de uma minoria no patamar superior do poder. O modelo a que se refere o autor é o da sociedade capitalista que tem como característica marcante a luta de classes sociais antagô-

\* Trata-se de um excerto do capítulo intitulado "A Esperança na Educação" da obra de Carlos R. Brandão, O QUE É EDUCAÇÃO? São Paulo, Ed. Brasiliense, 1981, p. 99.

Outra conclusão interessante a que chega o autor é a de que a educação "reproduz e consagra a desigualdade social". Esta reprodução das desigualdades se dá porque é a educação(1) um instrumento importante na consolidação do modo de produção capitalista, na medida em que torna as pessoas dentro do senso comum da ideologia de sobrevivência à dominação capitalista.

nicas; sendo que uma minoria de capitalista, através do poder do capital, da exploração da grande maioria trabalhadora pela apropriação da mais-valia, acaba por determinar os rumos desta sociedade. Vale ressaltar que a determinação de tais rumos não se dá de forma unilateral; esta ocorre exatamente no movimento dialético gerado pelo conflito existente entre as classes sociais fundamentais o que acaba por determinar cada momento histórico.

Em seguida, o autor afirma que a educação, na medida em que "reproduz e consagra a desigualdade" acaba por permitir que apenas minorias cheguem no limite superior da sociedade. Ou seja, este faz uma relação entre a formação educativa e a ascensão ao poder. Num segundo momento (2ª questão) aprofundarei melhor tal relação estabelecida pelo autor.

No final, o autor sugere que, já que a educação "pensa e faz pensar o oposto do que é a realidade" por que não "colocar em prática uma outra educação?" Ou seja, já que a educação é determinada pelo poder dominante e este não tem nenhum interesse num modelo de educação que leve as pessoas a desvendar a realidade e as razões para as injustiças, pelo contrário, até buscam camuflá-la, por que não implementar uma outra educação?

Estas são as idéias centrais esboçadas pelo autor que, repito, são muito relevantes para o questionamento que os educadores devam fazer sobre o processo educativo, na medida em que tocam fundo nos limites e possibilidades da educação nos marcos deste sistema.

2. Posicione-se a respeito destas questões.

Para compreendermos os "porquês" de a educação ser determinada "fora do poder de controle comunitário dos seus praticantes" é preciso que compreendamos que o que determina em "última instância" o conteúdo da referida educação é a infra-estrutura da sociedade que, numa relação dialética com a superestrutura da mesma, determinam as funções e objetivos das instituições que trabalham na manutenção do "status quo" e no fortalecimento e reprodução das relações sociais capitalistas.

Desta forma, não é de se admirar que a educação seja determinada dentro dos objetivos da classe dominante. Entretanto, ao analisarmos estas determinações, podemos cair em 03 (três) erros: 1) De analisar a relação infra-estrutura/superestrutura de forma mecânica e estanque sem perceber o movimento (relação) dialético estabelecido entre tais instâncias; 2) De institucionalizar sobremaneira o processo educativo compreendendo-o como sendo apenas aquele realizado no âmbito da instituição escolar; 3) Como consequência de analisarmos a escola do seu interior para a sociedade e não o contrário; criando inclusive a ilusão de que a escola possa gerar mudanças de fundo no seio da sociedade; de subestimarmos as raízes sociais para tal fenômeno ao buscarmos, de uma forma angustiante até, reformas de cunho didático, metodológico, etc, sem tocar na questão central do poder estabelecido.

Percebendo tais possíveis "deslizes" poderíamos afirmar que a ascensão social a que se refere o autor está muito mais determinada pela apropriação que faz a classe dominante dos meios de produção da existência do homem do que propriamente pela formação educativa como talvez quis sugerir o autor. Isso porque o que determina a apropriação do saber feito pela classe dominante é a posição ocupada pela mesma no modo de produção e não o inverso como advogam algumas tendências pedagógicas.



Dai que poderíamos também nos questionar: "por que não colocar em prática uma outra educação?" Eu responderia que, apesar de a questão do poder e da socialização dos meios de produção com a consequente socialização do saber produzido e sistematizado ser a questão mais de fundo e, desta forma, mais determinante no estabelecimento de uma nova prática educativa, devemos enfatizar que, por ser a escola uma instância da sociedade civil onde se trava a luta ideológica entre as classes, cria-se um espaço de contradição que deve ser trabalhado com vistas ao fortalecimento da contestação às estruturas capitalistas que geram as desigualdades.

Acredito pois que é trabalhando esse conflito na escola, tenho muito claro os limites da mesma, que estaremos contribuindo para a construção de sujeitos conscientes e capazes de subverter esta ordem estabelecida na busca da transformação radical da sociedade.

## PROVA ESCRITA SOBRE TEMA

### A FORMAÇÃO E A PRÁTICA SOCIAL DO EDUCADOR

Para discorrermos sobre a temática da formação e da prática social do educador é preciso que tenhamos claros alguns pressupostos que devam nortear essa formação dentro da visão de homem de sociedade e de educação que se tenha. Para tanto, é necessário caracterizarmos a sociedade capitalista em que estamos inseridos que é uma sociedade dividida em classes sociais antagônicas com objetivos e interesses distintos onde uma minoria, que compõe a classe dominante, detendo o poder a partir da apropriação do capital, explora a grande maioria que compõe a classe trabalhadora. Nesta perspectiva, o homem que se forma a partir deste modelo de sociedade se caracteriza como sendo a força de trabalho, acrítica e alienada do próprio processo de produção

de sua existência, força esta necessária à manutenção deste sistema de produção. É neste contexto que se dá o processo educativo.

A educação, pois, se constitui como um dos instrumentos de perpetuação desta dominação sendo que na escola, mesmo sendo esta também um aparelho que é determinado e também utilizado com este fim, se reproduzem (de forma não mecânica) os conflitos que se dão entre as classes sociais fundamentais em constante luta, criando-se espaços onde se manifestam as contradições que podem ser trabalhados com vistas à formação de sujeitos conscientes da necessidade de superação desta estrutura classista excludente que gera a seletividade social através, dentre outros fatores, da apropriação do saber elaborado e sistematizado historicamente.

É a partir desta realidade que se formam os educadores que terão como missão, isso dentro de uma lógica capitalista, a tarefa de bem administrar os processos educativos com vistas à consolidação da ordem estabelecida.

Entretanto, é preciso que reforcemos a importância de se ter como referencial norteador dos cursos de formação de educadores uma visão crítica da realidade, onde o homem seja visto como sujeito construtor da história capaz de mudar, junto com outros sujeitos, a situação de opressão a que está submetido.

Delineando-se melhor a sociedade em que o educador irá atuar, o modelo de homem que se quer formar, como também os limites e possibilidades da educação podemos então explicitar melhor que referenciais teóricos devem nortear a formação deste educador.

Vale ressaltar que atualmente, apesar da atuação de um grupo de educadores na consolidação da visão crítica que citei anteriormente, os cursos de formação de educadores têm se configurado, na sua grande maioria, como sendo cursos muito fragmentados em relação aos referenciais sociológicos, filosóficos e até psicológicos, referenciais estes que deveriam, em tese, nos instrumentalizar para um co-



nhecimento científico da realidade. Isso porque durante muito tempo a formação do educador brasileiro foi muito pautada por uma visão positivista e conservadora que, dentre outros fatores, só reforça a dicotomia existente entre o pensar o fazer, a teoria e a prática, o que só fragilizou ainda mais tais cursos. E é exatamente essa dicotomia, também inerente ao capitalismo, que gera a não percepção dos fenômenos de uma forma global, total.

Outra face que também reforça em muito essa percepção parcial da realidade, é o tecnicismo exacerbado, fruto da visão tecnicista que, por muito tempo, orientou hegemonicamente algumas tendências do pensamento pedagógico brasileiro.

Entretanto, incorreríamos num erro gravíssimo se tratássemos da formação do educador apenas ao nível dos cursos de formação.

Acredito, que, além da educação recebida no âmbito de tais cursos, existe ainda um espaço fundamental para uma possível negação desta visão positivista que é exatamente o espaço da prática social do educador que extrapola os muros da escola.

E essa prática social se torna fundamental na superação da formação positivista e fragmentada que temos, na medida em que exista um compromisso político por parte desse educador com a transformação radical desta sociedade a partir de uma contribuição à organização da classe trabalhadora.

Essa contribuição se dá desde a instrumentalização do educando a partir do trabalho com conteúdos críticos que o ajudem a desvelar a realidade até a própria atuação do educador na construção da identidade de classe dos explorados através de sua atuação nos movimentos sociais gerados pelo antagonismo das lutas entre as classes sociais.

É lógico que todos estes posicionamentos advêm de uma opção política clara em favor destes que, mesmo sendo os produtores das riquezas, são os mais explorados dentro do sistema capitalista de produção. E é dentro desta visão, desta perspectiva que me coloco como educadora.

A educação aqui deve ser compreendida como algo mais amplo do que a simples instrução escolar. Não apenas a escola mas tantos outros aparelhos ideológicos tais como a família, a Igreja, os meios de comunicação, são utilizados com esse fim. Como também, e fundamentalmente, a própria relação educação-trabalho acaba determinando a formação do trabalhador dentro dos moldes do modo de produção capitalista.